



AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO HOMEM GAY NA TELENOVELA AMOR À VIDA: O PERSONAGEM FÉLIX E AS SUAS NUANCES

Lucas Francisco da Silva¹
onlylucas7@gmail.com

Silvana do Rosário Menino da Costa²
silvanamenino@hotmail.com

Resumo: A televisão colabora para a construção das Representações Sociais dos homens gays através das suas produções, pois, ela se apropria de imagens e conceitos presentes no imaginário coletivo para caracterizá-los. Deste modo, tomando-se como objeto as Representações Sociais da masculinidade em homens gays, este trabalho, teve como objetivo geral analisar as Representações Sociais do homem gay na novela Amor à Vida. Como objetivos específicos, a pesquisa pretendeu identificar os mecanismos socioculturais que delimitam o padrão hegemônico de masculinidade e abordar as Representações Sociais que categorizam os homens gays a partir das imagens reproduzidas pela televisão. A investigação partiu da pesquisa bibliográfica e documental, do método qualitativo e do corpo teórico da Psicologia Social e dos estudos de gênero. Em Amor à Vida, Félix, além de adotar características afeminadas, foi representado como ambicioso. Assim, o personagem reproduziu uma concepção de homem gay que se apoderou de conceitos ancorados no imaginário social como inerentes ao perfil do homem homossexual, pois, a sua identidade foi composta por características familiares, para que não causasse estranhamento no público. Entretanto, com o decorrer da trama, ele sofreu uma transformação na Representação, passando a integrar o núcleo cômico e, mais tarde, assumindo o papel de mocinho. Portanto, verificou-se a variabilidade das Representações Sociais acerca de Félix, uma vez que, além de ter sido retratado como afeminado, ambicioso e malvado, ele também foi caracterizado positivamente como resiliente, nobre e companheiro, expressando, assim, um avanço na forma da mídia ancorar e objetivar as ideias, imagens e afetos acerca dos homens gays.

Palavras-chaves: Homens gays. Masculinidades. Representações Sociais. Televisão. Gênero.

Abstract: Television collaborates for the construction of Social Representations of gay men through their productions because it appropriates images and concepts present in the collective imagination to characterize them. Thus, taking as an object the Social Representations of masculinity in gay men, this work had the general objective of analyzing the Social Representations of gay men in the soap opera Amor à Vida. As specific objectives, the research aimed to identify the socio-cultural mechanisms that delimit the hegemonic pattern of masculinity and to address the Social Representations that categorize gay men from the images reproduced on television. The investigation started from the bibliographic and documentary research, the qualitative method, and the theoretical body of Social Psychology and gender studies. In Amor à Vida, Félix, in addition to adopting effeminate characteristics, was represented as ambitious. Thus, the character reproduced a conception of a gay man that took over concepts anchored in the social imaginary as inherent to the profile of the homosexual man, because his identity was composed of family characteristics so that he did not cause strangeness in the public. However, as the plot progressed, he transformed the Representation and became part of the comic core and later, assuming the role of a good guy. Therefore, it was verified the variability of Social Representations about Félix since, in addition to being portrayed as effeminate, ambitious, and wicked, he was also positively characterized as resilient, noble, and companion, thus expressing an advance in the form of the media to anchor and objectify the ideas, images, and affections about gay men.

Keywords: Gay Men. Masculinities. Social Representations. Television. Gender.

¹Discente em Psicologia no Centro Universitário Estácio do Recife.

²Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Estácio do Recife.



1 INTRODUÇÃO

Formada por um conglomerado de meios de comunicação, a mídia dissemina mensagens e difunde valores que podem se modificar de acordo com o objetivo de cada veículo transmissor de conteúdo e em conformidade com o grupo social objeto de interesse dessa transmissão. Ao mesmo tempo, os veículos midiáticos atingem variadas camadas sociais e, através das informações que podem propagar em escala global e local, detém enorme potencial de controle ideológico (OUVERNEY-KING; FILHA, 2015).

Entre os instrumentos da mídia, a televisão é um poderoso meio de comunicação capaz de produzir transformações na sociedade a partir das produções que veicula. Por meio de seus produtos, a TV transmite conceitos e opiniões, estabelece parâmetros que condicionam a relação de consumo com os telespectadores, dissemina Representações Sociais (RS) e cria hábitos que passam a compor a cultura das massas (ALEXANDRE, 2001; FELIPE, 2007). Segundo Moscovici (1978), as RS podem ser compreendidas como o conjunto de significados que as pessoas atribuem a um objeto que faz parte do ambiente. Estes sentidos, provenientes do senso comum, facilitam a compreensão do objeto e constroem significações compartilhadas coletivamente pelos membros de um grupo social.

Como as obras televisivas retratam parcialmente recortes da realidade social, o conteúdo gerado pelas telenovelas reproduzem ideias do cotidiano da sociedade e abordam temas polêmicos, entre eles, a homossexualidade (MARQUES, 2002). No entanto, a utilização de papéis gays como componentes das narrativas fabricadas pela televisão não é um fenômeno recente, tendo, a novela “Rebu”, abordado a homossexualidade pela primeira vez, em 1974. Porém, a primeira personalidade gay incluída na trama de um folhetim foi representada por um personagem que mantinha um relacionamento pautado pelo interesse econômico (COLLING, 2007).

Entretanto, vem se tornando, cada vez mais comum, a utilização de figuras homossexuais como parte integrante das produções midiáticas da televisão. Contudo, ainda é frequente que as masculinidades gays sejam representadas por características afeminadas e que sejam alocadas no núcleo cômico dos folhetins. Sendo assim, o emprego destas características contribuiu para a consolidação de uma imagem estereotipada da homossexualidade no senso comum dos telespectadores (GILARD; MATHEUS, 2016).

Deste modo, tomando-se como objeto as RS da masculinidade em homens gays, esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar as RS do homem gay na novela Amor à Vida. Como objetivos específicos, o trabalho pretende identificar os mecanismos socioculturais que delimitam o padrão hegemônico de masculinidade e abordar as RS que categorizam os homens gays a partir das imagens reproduzidas pela televisão.

O interesse pelo tema surgiu a partir da percepção de como a televisão contribui para o endosso de RS vinculadas à figura dos homens gays, uma vez que o autor é integrante da comunidade LGBTQIA+ e notou que as masculinidades gays são reportadas, majoritariamente, com características afeminadas que reforçam a ideia homogeneizante de que todos eles se comportam e são da mesma forma. Portanto, por meio deste trabalho, é possível contribuir para o fortalecimento da Psicologia e dos estudos de gênero, tendo em vista que ambos abordam a subjetividade humana, como ela se desenvolve nas relações sociais e como os papéis de gênero desempenhados nas sociedades são construídos. Sendo assim, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e do corpo teórico da Psicologia Social e dos estudos de gênero, esta produção se apresenta



como uma contribuição ao conhecimento científico já existente, ao mesmo tempo em que assume um papel político para o fortalecimento das masculinidades subordinadas.

2 METODOLOGIA

O trabalho é uma pesquisa bibliográfica e documental de abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica consiste na obtenção de informações por meio de materiais elaborados anteriormente e tem, como vantagem principal, a possibilidade de proporcionar o contato do pesquisador com diversos fenômenos que rodeiam o objeto investigado, além de fornecer dados e facilitar o acesso a informações. Apesar de ser semelhante à pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental se diferencia por utilizar materiais que ainda não foram objeto de análise, além de possuir ampla variedade de fontes, em decorrência dos tipos de documentos que existem (GIL, 2002). No método qualitativo, por sua vez, o objetivo não é quantificar os fenômenos sociais que integram as sociedades e seus grupos, mas conhecê-los através da compreensão de sua dinâmica, organização e história (GOLDENBERG, 2004).

Como base teórica, foi utilizada a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, uma vez que a mesma possibilitou o estudo dos significados compartilhados coletivamente a respeito da masculinidade gay veiculada pela telenovela *Amor à Vida* (Rede Globo) e incorporada pelo personagem Félix (Mateus Solano). Além disso, também foi feito usufruto dos estudos sobre gênero e masculinidades, realizados por Daniel Welzer-Lang, já que subsidiaram a discussão dos fenômenos que permeiam as relações de gênero e sobre como as masculinidades se constituem e se relacionam entre si.

Inicialmente, foi feita uma busca por material no Sistema de Publicações de Teses e Dissertações (TEDE) da Universidade Federal Rural de Pernambuco com o descritor “masculinidades gays”. Nesta plataforma, foram selecionados 02 trabalhos de um total de 05 arquivos. Na plataforma Scielo, a investigação foi realizada com o descritor “masculinidade hegemônica” e, após a utilização da filtragem por idioma (Português) e país (Brasil), foram escolhidas 02 publicações de um total de 23. No Google Acadêmico a pesquisa empregou, inicialmente, o descritor “homens gays e representações sociais”. De um total de 22100 arquivos, foram separados 03 trabalhos que mais se aproximavam do objeto da pesquisa. Posteriormente, na mesma plataforma, foi utilizado o descritor “homens gays nas novelas” e, entre os 7970 trabalhos, somente 03 foram coletados, sendo que estes abordavam temáticas compatíveis com a presente investigação.

Portanto, a partir da leitura dos resumos dos trabalhos e da identificação dos descritores empregados na procura dos conteúdos, para fins de leitura exploratória, foram eleitos estes 10 materiais, os quais foram designados para esta finalidade por possuírem estudos relacionados aos anseios da pesquisa. Com base nas referências bibliográficas dos artigos pré-selecionados também foram encontradas outras fontes que alimentaram a construção das ideias deste estudo. Em relação à análise do personagem Félix, foi feita uma construção teórica a partir de três predicativos que marcaram a forma como ele foi caracterizado na trama: vilão, cômico e mocinho. Portanto, não houve a seleção de cenas específicas, uma vez que foi analisado o histórico do personagem no decorrer da novela.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O patriarcado e a masculinidade hegemônica

Através da formação social os homens assumem uma posição de dominação das mulheres e, a autoridade masculina, denominada patriarcado, designa uma organização coletiva na qual os homens detêm o poder. Desse modo, o controle masculino garante que o domínio seja dos machos e cria uma estrutura de opressão sobre as mulheres (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Os papéis identitários, assumidos pelos machos e fêmeas, são atribuições sociais que distinguem quais são os campos em que cada um pode atuar. Por conseguinte, isso significa que a sociedade delimita as funções que cada indivíduo deverá desempenhar pelas diferenças entre os gêneros (LOURO, 2003). Portanto, através da identificação sociocultural com as condutas atribuídas ao sexo masculino, ocorre a construção da identidade de gênero. Esta, por sua vez, pode assumir formas diversas que não são fixas e sofrem metamorfoses, sendo, desse modo, passíveis de transformações e de contradições (LOURO, 2003). Joan Scott (1988, p. 21) afirma que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

De acordo com Mathieu (2005), as atribuições aos papéis de gênero são duramente impostas pela sociedade de acordo com o sexo biológico do indivíduo, ou seja, o macho é obrigado a assumir a performance do homem e a fêmea a atuação da mulher. Essa obrigatoriedade em desempenhar as funções ligadas ao gênero em conformidade com o aparato sexual reprodutor evidencia a supervalorização que a sociedade atribui à diferença biológica. Porém, “os diferentes sistemas de gênero (...) e de formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são decorrência da cultura, e não de diferenças naturais instaladas nos corpos de homens e mulheres” (BRASIL, 2009, p. 39).

No processo de constituição da identidade masculina, os homens são socializados aprendendo que devem se distanciar das características que definem o que é ser mulher. Com isso, tudo que pertence à categoria do feminino é encarado como um inimigo a ser combatido e deve ser distanciado, pois, a aproximação aos atributos da feminilidade inviabiliza a existência do masculino. Para ser homem de verdade é necessário ser completamente diferente das mulheres, dos gays e dos indivíduos que não se enquadram no modelo hegemônico de masculinidade (WELZER-LANG, 2001).

Para que o menino seja considerado homem, são utilizados, em algumas sociedades, rituais de iniciação que garantam o seu afastamento do universo feminino. Na cultura do ocidente, por sua vez, esses rituais não são claramente demarcados, pois a masculinidade exige a necessidade de ser comprovada durante toda a vida do homem, que não pode sucumbir à fraqueza e nem adotar posturas de passividade para não ser rebaixado à condição feminina (LINS, 2007).

De acordo com os ideais do patriarcado, a construção da identidade masculina ocorre pela aquisição de características que se contrapõem ao que seria ser mulher. Destarte, a masculinidade hegemônica é constituída por propriedades que, pelo viés do senso comum, seriam herdadas biologicamente por todos os homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; WELZER-LANG, 2001). Além de ser um modelo que reflete o homem branco, de classe média alta e heterossexual, a masculinidade hegemônica se apresenta como catalisadora de qualidades valorizadas e consideradas positivas, como o domínio sobre os mais fracos, a resistência, a racionalidade, a



potência, a atividade, a virilidade, a força e a invulnerabilidade (LOURO, 2003; WELZER-LANG, 2001).

Para Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade é constituída a partir das relações sociais e é encarada como um projeto construído subjetivamente, a partir da assimilação de papéis culturais estruturantes dos corpos de homens adultos. E, de acordo com os valores culturais, “ser homem é não ser feminino, não ser homossexual, não ser dócil, não ser dependente, não ser submisso, não ter aparência ou gestos efeminados, não ter relações íntimas com outros homens, não ser impotente com as mulheres” (LINS, 2007, p. 129).

“O princípio de masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito – e introduz o conflito na oposição entre o masculino e o feminino” (SCOTT, 1988, p. 16). Para que um homem aprenda a ser homem de verdade, é necessário que ele siga as leis da masculinidade hegemônica, é preciso que ele se torne uma criatura endurecida e que demonstre isso tanto no corpo quanto no comportamento (AMARAL, 2019). Para ser homem é preciso “aceitar o sofrimento, sofrer como um homem, aceitar sem chorar e sem possibilidade de questionar as regras a que está submetido nessa relação hierárquica” (idem, p. 57).

Portanto, os homens que desempenham um papel variante do que é prescrito como o modelo ideal de masculinidade pelas RS, são postos à margem e lhes é subtraído o status de macho (LINS, 2007).

3.2 As masculinidades subordinadas

Apesar de ser um grupo que exerce domínio sobre as mulheres, a classe masculina está submetida a uma categorização que hierarquiza as relações de subordinação dentro do próprio grupo masculino. Compreende-se, então, que alguns homens, além de possuírem os privilégios oriundos da dominação das mulheres, também possuem poder sobre outros homens (WELZER-LANG, 2001).

A institucionalização do modelo rígido e dicotômico da relação masculino/feminino divide as classes de gênero entre dominantes e dominados e, conseqüentemente, endossa esse vínculo como sendo o único possível entre os dois grupos. Assim, não se leva em consideração que, na constituição dos grupos masculino e feminino, existem formas plurais de expressão e que estes indivíduos também são marcados por outros fatores. Ou seja, sujeitos masculinos e femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, ao mesmo tempo em que também podem ser negros, brancos, indígenas, pobres ou ricos. Essa interseccionalidade³ interfere na forma como é estabelecida a relação de poder, que vai além da polarização homem dominante versus mulher dominada. Portanto, a fragmentação que subdivide os grupos dos homens e das mulheres demonstra que a relação entre os gêneros não obedece a uma lógica simplista, o que torna evidente que existem várias formas de se ordenar as relações entre homem/mulher e homem/homem (HIDRATA, 2014; LOURO, 2003).

Todos os homens que aceitam os códigos de virilidade têm ou podem ter poder sobre as mulheres (o que ainda deve ser quantificado); alguns entre estes (chefes, Grandes-homens de todos os tipos) têm também poder sobre os homens. É verdadeiramente neste duplo poder

³ Para Hidrata (2014), a interseccionalidade estuda as sobreposições das relações de poder, discriminação ou dominação que se entrelaçam nas diferenças de raça, sexo e classe.



que se estruturam as hierarquias masculinas (WELZER-LANG, 2001, p. 46).

Esses “Grandes-homens”, além de exercerem domínio sobre as mulheres, também possuem poder sobre outros homens. Deste modo, evidencia-se que as relações de poder se entrelaçam com outras características que constituem os grupos sociais. Portanto, os homens heterossexuais, brancos e de classe alta assumem o mais alto patamar na escala do poder sobre as mulheres e sobre os outros homens, possuindo, assim, um duplo poder (AMARAL, 2019; LOURO, 2003; WELZER-LANG, 2001).

Entre os indivíduos subordinados ao poder de dominação do heteropatriarcado⁴, é possível citar os homens gays, que são rechaçados em sua expressão. A eles, é renegado o “título” de homens, pois, para a categoria que dissemina o domínio da virilidade, os machos seriam aqueles que se relacionam, única e exclusivamente, com mulheres ou os que desempenham o papel de “ativo comedor” em esporádicos contatos sexuais com outros homens (ZANELLO; FIUZA; COSTA, 2015).

O sistema heteropatriarcal funciona como um código de dominação de cunho sexo-político, enfatizando que o “homem de verdade” é aquele que se enquadra na heterossexualidade e adota as características do macho viril e dominador. Assim sendo, a heterossexualidade e a dominação dos “Grandes-homens” são naturalizadas e asseguram o controle sobre as mulheres e sobre os homens que não apresentam, de maneira exorbitante, as características atribuídas ao verdadeiro macho (HERNANDEZ, 2014).

Os homens gays, apesar de desfrutarem de privilégios provenientes da dominação masculina, não são reconhecidos como parte do modelo de masculinidade considerado ideal, pois a expressão majoritariamente legitimada e aceita é a do homem heterossexual. Desse modo, as masculinidades gays podem ser compreendidas como dominadas pelos “Grandes-homens”, porém, ocupam posições diferentes nesta cadeia de poder e dominação. No entanto, entre os próprios homens gays, existem aqueles que desfrutam de mais “regalias” do que outros. O gay passivo e afeminado, por exemplo, por assumir um papel diferente do atribuído naturalmente aos homens, é mais associado à figura das mulheres, enquanto que o gay ativo e não afeminado, por estar desempenhando o papel convencional de penetrador, é menos estigmatizado (WELZER-LANG, 2001). O processo de estigmatização pode ser definido pela redução do valor atribuído a determinado indivíduo que não evidencia características valorizadas socialmente, neste sentido, os atributos indesejáveis adotam teor de defeito, o sujeito é descredibilizado e considerado inferior (GOFFMAN, 2008).

Os gays afeminados apresentam-se como portadores de uma identidade que se diferencia drasticamente dos heterossexuais e que representa uma afronta à sociedade, enquanto que os gays não afeminados adotam comportamentos normativos que se diferenciam dos homens heterossexuais apenas na forma como a sua sexualidade é vivenciada. A masculinização, presente em alguns homens gays, afasta-os da figura afeminada e os posiciona numa discricção que não desafia a sociedade e que assume as propriedades que são socialmente atribuídas ao gênero masculino (ASSIS, 2011).

⁴ De acordo com Hernandez (2014), o heteropatriarcado se trata de um sistema sociopolítico que valoriza a heterossexualidade masculina e garante a sua superioridade em relação a outras identidades de gênero e orientações sexuais.



O modelo naturalizado de masculinidade, ao mesmo tempo em que assegura a superioridade dos homens em relação às mulheres, engessa a forma como a sexualidade deve ser vivenciada pelos homens típicos e produz homofobia. Os que não se submetem aos paradigmas provenientes do gênero e, conseqüentemente, não desempenham o papel heterossexual, são classificados como dominados, compreendidos simbolicamente como equivalentes às mulheres, excluídos da classe dos machos e atingidos pela discriminação (WELZER-LANG, 2001). A homofobia é um mecanismo de opressão que surgiu através da expansão da cultura judaico-cristã no ocidente. Além de impedir que pessoas do mesmo sexo se relacionassem, ela pretendia classificar os homossexuais como pervertidos e pecaminosos, inferiorizando-os e reforçando a heterossexualidade como norma (BASTOS, 2015).

Mesmo diante do cerceamento das diferentes subjetividades masculinas que fogem à norma padronizadora:

Estamos em pleno processo de transformação no que diz respeito à valorização da virilidade. Já é possível sentir em alguns grupos o desprestígio do machão. O homem que fica triste e chora já adquiriu um novo valor: o do homem sensível. Entretanto, isso não significa que a maioria dos pais não se esforce para criar homens masculinos (LINS, 2007, p. 129).

Contudo, é importante destacar que a identidade sexual e o gênero estão inter-relacionados. Logo, conclui-se que um indivíduo do sexo masculino pode ser heterossexual, homossexual, bissexual e continuar se identificando com a posição masculina. Portanto, é imprescindível levar em consideração que, assim como a identidade de gênero, a identidade sexual também é construída e não se cristaliza com o passar do tempo (LOURO, 2003).

3.3 As RS do homem gay na novela amor à vida

As informações transmitidas pelas produções midiáticas e o discurso que elas propagam frequentemente assumem o estado de verdade e possuem forte potencial de colaboração para o estabelecimento de papéis identitários. Destarte, conclui-se que a mídia, especificamente a televisiva, adquire a função de espaço instrutivo por gerar conhecimento sobre a vida, sobre o mundo, sobre quais comportamentos devem ser adotados e o que deve ser consumido (FELIPE, 2007). Complementando esse pensamento, entende-se que os veículos de comunicação de massa, enquanto instrumentos de formação de imagens e controle de ideias se utilizam desses mecanismos para contribuir com a construção das RS (ALEXANDRE, 2001).

Termo cunhado por Serge Moscovici, as RS podem ser definidas como um agrupamento de conceitos, ideias e imagens originados no senso comum que as pessoas atribuem a algo ou alguém. Neste sentido, essas Representações são compostas por processos cognitivos, emocionais e atitudinais que auxiliam na compreensão do mundo concreto a partir do compartilhamento coletivo de sentidos a respeito de um objeto, assim como orientam as tomadas de posição dos sujeitos (ALEXANDRE, 2001; JODELET, 2009; MOSCOVICI, 1978).



Para Moscovici (1978), a realidade está em constante transformação, com isso as RS de um determinado objeto ou pessoa podem sofrer alterações. No entanto, o comportamento dos sujeitos em relação a esse objeto depende da experiência coletiva/individual de quem o compreende a partir de uma rede de significados, que possibilita a sua assimilação. Sendo assim, quando um indivíduo emite um discurso sobre um elemento específico, ele recorre a um conjunto semântico que se encarrega de classificá-lo de acordo com os sentidos que lhe são conferidos. A atribuição de significados ao objeto, com o intuito de lhe garantir familiaridade, obedece a dois mecanismos que são essenciais para a formação das RS: a ancoragem e a objetivação (MOSCOVICI, 2007).

A ancoragem é um processo que transforma uma ideia intrigante ou estranha em algo familiar, ou seja, o mecanismo trata de simplificar um conceito, até então desconhecido, e enquadrá-lo em uma ideia que já é conhecida. Este mecanismo possibilita a transferência de um objeto desconhecido, de um ambiente exterior à nossa rede de significações, para o interior, através da classificação em uma categoria que se acredita ser a mais apropriada. Desse modo, enquanto processo essencial para a formação da Representação, a ancoragem é constituída pela classificação e denominação. Os objetos que não são classificados e denominados permanecem sem Representação e, conseqüentemente, sem existência (GALLI, 2014; MOSCOVICI, 2007).

A objetivação, por sua vez, é o procedimento que confere sentido concreto ou quase concreto a algo abstrato. O mecanismo de objetivar origina a reprodução de uma imagem a partir de um objeto concreto, ou seja, significações são atreladas a algo que existe no mundo palpável (MOSCOVICI, 2007). Neste sentido, “objetivar significa descobrir o aspecto icônico de uma ideia ou de um ser mal definido, reproduzir um conceito em uma imagem” (GALLI, 2014, p. 5).

Segundo Jodelet (2009, p.8) “as formas e as figuras da subjetividade são criadas e moldadas, na história, pelas condições sociais e instituições”. Na nossa sociedade, as RS ligadas à imagem do modelo hegemônico de masculinidade se apropriam de características consideradas superiores como a força, a racionalidade, a atividade e a resistência, por exemplo, além de supervalorizar a heterossexualidade. Na televisão, os homens gays são majoritariamente representados com atributos afeminados. Por conseguinte, uma vez que esses homens não desempenham as atribuições designadas ao macho típico, conseqüentemente não são considerados sujeitos do gênero masculino (COLLING, 2007; JUNIOR; GOMES; NASCIMENTO, 2012; LINS, 2007).

A mídia, assim como outros dispositivos difusores e produtores de cultura e comunicação, contribui com a formação das RS (ALEXANDRE, 2001). Assim, este tópico discorrerá sobre como o personagem Félix da novela Amor à Vida, produzida pela Rede Globo em 2013, reproduziu uma concepção de homem gay que se apodera de conceitos ancorados e objetivados no imaginário social como inerentes ao perfil comportamental do homem gay, uma vez que o personagem incorporou trejeitos considerados afeminados. Nesse sentido, enquanto produtos televisivos, as telenovelas se apropriam das RS e objetivam os atributos efeminados na construção da identidade gay. Além disso, com o intuito de tornar a temática, considerada polêmica, consumível pelos telespectadores, a identidade gay é ancorada em características familiares (afeminado, engraçado) aos telespectadores e não causa estranhamento (MARQUES, 2002; PERET, 2005; VARGAS, 2015).



Na novela, a construção da RS do personagem Félix ficou marcada pela ambição. Visto que o mesmo desejava ocupar a presidência do hospital da família com o intuito de obter reconhecimento do seu pai, César (Antônio Fagundes). Além disso, para Félix, a irmã Paloma (Paola Oliveira) era um obstáculo que podia atrapalhá-lo na concretização dos seus planos, uma vez que ela era considerada a filha preferida de César e cotada para assumir o comando do hospital da família. Ressaltando a personalidade ambiciosa do personagem, no primeiro capítulo do folhetim, ele foi apresentado ao público abandonando a filha recém-nascida da irmã em uma caçamba de lixo, pois, ele temia que a sobrinha (Clara Castanho) recebesse mais atenção de César do que ele próprio (VARGAS, 2015).

A partir destas informações, compreende-se que as RS inicialmente atreladas ao personagem na novela foram compostas de forma imperiosa por aspectos negativos, tendo em vista que ele, além de ser constituído por comportamentos circunscritos pela prática de maldades contra a própria irmã e sobrinha, ainda mantinha um relacionamento extraconjugal com um rapaz que chamava de Anjinho (Lucas Malvacine) e desejava ocupar a presidência do hospital da família por meio de trapaças e armações.

Segundo Peret (2005), a associação da homossexualidade a características negativas marcou o início da exibição de masculinidades gays nas novelas que abordavam o assunto se utilizando de Representações caricatas e tornando explícito como a homossexualidade era enxergada ou como gostariam que fosse.

Para Souza (2007) é nítido como os homossexuais estão inseridos nos produtos dos meios de comunicação, os quais podem abordar a sua homossexualidade de maneira explícita ou implícita. De acordo com o autor, estes indivíduos ainda são retratados com características caricatas que os qualificam como sujeitos cômicos, porém, também têm sido representados com teor mais respeitoso. Apesar dessa exposição não abordar com fidedignidade os aspectos que correspondem às diversas e mutáveis facetas do grupo, pode ser benéfica, pois, ao versar sobre o tema, a mídia provoca a discussão e possibilita que os sujeitos reflitam a respeito do assunto.

A homossexualidade do personagem Félix era conhecida do público, porém, os familiares dele não sabiam. Eles só tiveram ciência da sua orientação sexual depois que Edith (Bárbara Paz) descobriu que estava sendo traída pelo marido com o Anjinho e, por vingança, revelou para toda família a sexualidade oculta do personagem. Entretanto, Edith trouxe à tona que o seu casamento com o Félix havia sido planejado por César, que temia que o filho se assumisse gay (VARGAS, 2015). A narrativa da revelação é um dos artifícios utilizados pelos autores dos folhetins novelescos para incluir identidades homossexuais entre os personagens. No período que compreende a década de 1990, por exemplo, nove novelas utilizaram este modo de Representação de personagens homossexuais, sem deixar de lado, no entanto, a Representação de gay afeminado (MOREIRA; MACIEL; MATOS, 2015).

Depois de revelar para os familiares a responsabilidade pelo sumiço da sobrinha, Félix foi expulso de casa pela família e passou a morar com Márcia (Elizabeth Savala) e com a filha dela, Valdirene (Tatá Werneck). A partir desse momento, o personagem passou a integrar o núcleo cômico da novela e a compor cenas em que vendia hot dog usando uma flor na cabeça e entoando a frase “Olha o hot dog do Félix!”, que se popularizou em meio ao público (VARGAS, 2015). De acordo com Peret (2005), a comicidade é um dos elementos utilizados pela telenovela para prender a audiência do público, tornando-se frequente a Representação de homens gays a partir desta perspectiva.



Após ajudar o próprio pai a escapar das armações da sua amante Aline (Vanessa Giácomo), e depois de colaborar para que a irmã voltasse a se relacionar com o ex-namorado Bruno (Malvino Salvador), Félix também foi retratado como herói (VARGAS, 2015). Portanto, o histórico do personagem durante a novela e a virada de vilão para mocinho, após ele pedir perdão aos prejudicados pelas suas armações, permitiu que Félix se tornasse um dos principais integrantes do folhetim, assumindo, assim, uma Representação diferenciada, neste aspecto, em relação a outros homens gays reportados pelas telenovelas (GILARD; MATHEUS, 2016).

4 CONCLUSÕES

A partir da apreensão dos objetivos desta pesquisa, tornou-se possível compreender que a sociedade, de modo geral, é responsável por disseminar valores culturais e comportamentais que se reproduzem através dos papéis de gênero. Sendo assim, as performances adotadas pelos indivíduos caracterizam os papéis desempenhados por mulheres e homens e se convertem em RS que povoam o imaginário coletivo.

Desse modo, foi possível identificar que existe um modelo dominante de masculinidade, no qual, o homem branco, heterossexual e de classe alta assume o patamar mais alto na escala de dominação, enquanto que as mulheres são alocadas na posição de subordinadas, assim como os homens gays e os outros homens que não assumem as características do macho hegemônico e dominador. Além disso, ficou evidente que o modelo hegemônico é socialmente estimado e que, apesar de os valores do masculino estarem em transformação, ainda é preferível que os homens adotem comportamentos heterossexuais, uma vez que, no processo educacional, a família ainda instrui os seus filhos de acordo com os paradigmas da heteronormatividade.

Em relação aos homens gays, foi verificado que eles são classificados como indivíduos não masculinos, quando assumem características afeminadas, e que ainda são representados de forma estereotipada e caricata em diversas telenovelas. Entretanto, vale ressaltar que apesar de os homens gays serem qualificados como subordinados e até como equivalentes às mulheres, dentro da própria comunidade gay existem aqueles que sofrem menos estigmas por se comportarem de maneira mais próxima ao modelo hétero, como os que assumem a posição ativa na performance sexual, por exemplo.

Notou-se que na novela Amor à Vida, Félix reproduziu a ideia de homem homossexual baseada em conceitos presentes no imaginário social como constituintes da identidade gay, pois ele possuía traços afeminados. Sendo assim, o personagem incorporou atributos familiares ao público para não causar estranhamento na forma como a sua homossexualidade foi exibida, uma vez que as RS identificam as personalidades gays como efeminadas. Além dessa Representação, ele também foi construído com características consideradas negativas, sendo que o mesmo era ambicioso e se valia de planos maldosos para alcançar os seus objetivos. Porém, após uma virada na trama, Félix passou a integrar o núcleo cômico do folhetim e, a partir desse momento, ocorreu uma transformação na sua personalidade, uma vez que ele passou a ser um dos mocinhos da trama.

Assim, pode-se perceber a dimensão polimorfa e contraditória das RS acerca de Félix, que ao mesmo tempo em que foi retratado como afeminado, ambicioso e malvado, também foi desenhado a partir de Representações positivas e valorizadas pela sociedade, tais como: resiliente, ao superar sua posição 'mediocre' frente à vida e às pessoas; nobre, por perdoar os malfeitos produzidos contra ele; companheiro e confiável para as pessoas que depois atuaram como seu núcleo familiar, no segundo momento da trama. Desta



forma, pode-se dizer que tais RS, de algum modo, expressam um avanço na própria maneira da mídia ancorar e objetivar as ideias, imagens e afetos acerca dos homens gays.

Para pesquisas futuras, sugere-se explorar com maior aprofundamento a temática das interseccionalidades e suas implicações na relação de subordinação entre grupos de gênero, além de intensificar os estudos sobre a utilização de personagens gays mais próximos do modelo heteronormativo pelas telenovelas e sobre como esta Representação é vista pelos telespectadores da comunidade gay.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. *O papel da mídia na difusão das representações sociais. Comum*, Rio de Janeiro, v.6, n.17, p.111-125, jul./dez.2001.

AMARAL, M. M. *Dimensão subjetiva da masculinidade: significações de homens gays sobre o papel da escola no processo de constituição da masculinidade*. 243p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação), Programa de Estudos de Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, PUCSP, São Paulo, 2019.

ASSIS, E. M. *O homossexual respeitável. Elaboraões, impasses e modos de uma experiência subjetiva*. 192p. Tese (Doutorado em História), Programa de Estudos Pós-graduados em História, PUC-SP, São Paulo, 2011.

BASTOS, V. M. D. *A (não) criminalização da homofobia no Brasil: contrastes entre as exigências de proteção penal e Direito Penal simbólico*. 64p. Monografia (Bacharelado em Direito), Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Brasília, 2009.

COLLING, L. *“Homoerotismo nas telenovelas da Rede Globo e a cultura”*. *ENECULT (Encontro Multidisciplinar em Cultura)*, 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LeandroColling.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2020.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. M. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.21, n.1, jan./abr.2013.

FELIPE, J. *Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. Revista tecnologia e sociedade*, v. 1, p. 41-54, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Representa%C3%A7%C3%B5es%20de%20g%C3%AAnero,%20sexualidade%20e%20corpo%20na%20m%C3%ADdia.pdf>> Acesso em: 20 de Maio de 2020.

GALLI, I. *A teoria das Representações Sociais: do nascimento ao seu desenvolvimento mais recente. Revista Educação e Cultura Contemporânea*, América do Norte, v.11, n.24, abr.2014.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.



GILARD, V.; MATHEUS, L. *Trama narrativa e o “beijo gay” na telenovela brasileira. Intercom – Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação*, São Paulo, 2016.

GOFFMAN, E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Mello. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

HERNÁNDEZ, N. *Ruptura o continuidad?: reflexiones em torno AL heteropatriarcado a partir de los relatos de un grupo de jóvenes infractores/as de ley*. 2012. Dissertação (Magister en Estudios de Género y Cultura en América Latina, mención Ciencias Sociales), Universidad de Chile. Santiago, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.uchile.cl/handle/2250/135853>>. Acesso em: 15 de Abril de 2020.

HIDRATA, H. *Gênero, classe e raça – interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social*, São Paulo, v.26, n.1, p.61-73, jun.2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979/87743>>. Acesso em: 17 de Abril de 2020.

JUNIOR, J. S. M.; GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F. *Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p. 511-520, 2012.

JODELET, D. *O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. Sociedade e Estado*, Brasília, v.4, n.3, p.679-712, set./dez.2009.

LINS, R. N. *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências*. Ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. 6.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MARQUES, A. C. S. *Da esfera cultura à esfera política: a representação da homossexualidade nas telenovelas e a busca por reconhecimento. Intercom – Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação*, Salvador, 2002.

MATHIEU, Nicole-Claude. ¿ Identidad sexual/sexuada/ de sexo? Tres modos de conceptualización de la relación entre sexo y género. In: CURIEL, O.; FALQUET, J. (Org.). *El patriarcado AL desnudo: três feministas materialistas*. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005. p. 130-175.

MOREIRA, C. C. X.; MACIEL, D.; MATTOS, F. *Do estereótipo ao social: as fases da representação homossexual nas telenovelas da Rede Globo. Intercom – Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação*, Manaus, 2015.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.



_____. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OUVERNEY-KING, J. R.; FILHA, M. J. T. B. *Mídia & homofobia: uma análise do discurso no mediascape paraibano*. *Gênero & Direito*, 2015.

PERET, L. E. N. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. 245p. Dissertação (Mestrado em Comunicação: Comunicação Social), Programa de Pós-graduação em Comunicação: Comunicação Social, UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Cristiane Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1988.

SOUZA, E. R.; *A gestualidade na construção do estereótipo do personagem homossexual no cinema*. 101p. Dissertação (Mestrado em Comunicação: Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação: Comunicação Social, UNIP, São Paulo, 2007.

VARGAS, A. S. *De vilão a mocinho: uma análise sobre a construção do personagem Félix, da telenovela "Amor à Vida"*. 106p. TCC (Bacharel em Comunicação: Comunicação Social), Faculdade de Biblioteconomia: Comunicação Social, UFRS, Porto Alegre, 2015.

WELZER-LANG, D. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol. 9, n.2, p. 460-482. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X20010002000008&lng=pt&nrm=iso&tlng=en> Acesso em: 31 de Janeiro de 2020.

ZANELLO, V.; FIUZA, G.; COSTA, H. S. *Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico*. *Fractal: Revista de Psicologia*, Brasília, v.27, n.3, p. 238-246, set./dez.2015.